

Tempo, Maputo, 12 de
Novembro de 1989, pág.16-19



Zambézia: A herança da guerra

TEXTO DE ANTÓNIO ÉLIAS ● FOTOS DE NAIFA USSENE

Zambézia, província fortemente assolada pela guerra de destruição desencadeada pelos bandidos armados, vive momentos ímpares na sua história. O aeroporto local nunca antes acolhera aviões como desta vez. É da terminal aérea que parte a alimenta-

ção para a maior parte dos distritos da Zambézia, onde mais de um milhão de pessoas têm a sua sobrevivência totalmente dependente da assistência do Departamento de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais — DPCCN.

população de 2 418 851, dado este relativo ao censo de 1980.

As vias de comunicação que interligavam os 16 distritos da província foram destruídas, não se assegurando para breve a sua reposição uma vez a sabotagem tenha incidido sobre pontes, fundamentalmente; as infra-estruturas económicas e sociais e muitos outros projectos que emergiam foram igualmente dizimados e 1 088 488 pessoas perderam tudo o que sustentava a sua vida.

Desse grupo de pessoas que ficaram fortemente afectadas pela guerra desencadeada pelos bandidos armados, 724 885 viram-se forçadas a fugir dos seus locais de residência indo-se refugiar noutros locais com relativa segurança. De entre eles muitos buscaram refúgio fora da província da Zambézia: uns atravessaram o Rio Zambézia e fixaram-se no distrito de Marromeu, em Sofala, onde, entretanto, a sua vida continua a correr ameaças visto também aí os bandidos armados atacarem aldeias, onde para além de pilharem, assassinam e raptam população.

Parte significativa, senão a maioria, da população dos distritos de Milange e Morrumbala atravessou

a fronteira para o Malawi. Com a recuperação de algumas zonas que haviam sido tomadas pelos bandidos armados naquela província, parte dos zambezianos no Malawi regressaram aos seus distritos, mas não propriamente aos locais onde residiam antes, pelo facto de, na maior parte desses locais, os bandidos continuarem a realizar as suas incursões.

Assim sendo, os retornados juntam-se em centros — os centros de deslocados — ficando a sua sobrevivência dependente da assistência do Departamento de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais — DPCCN. São pouco mais de um milhão as pessoas que têm a sua vida completamente dependente do DPCCN na Zambézia e essa população distribui-se por todos os distritos zambezianos, onde o acesso por via terrestre ou ferroviária virou impossível para a maior parte dos locais. Mesmo havendo esforços de reabrir algumas das vias, uma vez a situação militar esteja a melhorar, o acesso à maior parte das sedes distritais apenas é possível de avião e, neste panorama, o DPCCN não tem podido colocar a tempo as quantidades de produtos necessárias

Chegada de milho num dos armazéns do DPCCN em Quelimane





em cada um dos distritos, onde milhares de deslocados sucumbem de fome.

ENTRAVES NA COLOCAÇÃO DO PRODUTO NO DESTINO

No sábado 14 de Outubro último, numa oportunidade que nos permitiu acompanhar o processo de manuseamento dos produtos do DPCCN em Quelimane, capital da Zambézia, encontrámos um dos armazéns desse organismo do governo com muita comida: havia aí 47 841 sacos de milho de 50 quilogramas cada, ou seja, 2 920 toneladas desse cereal, que tem sido dos produtos básicos que se distribuiu aos deslocados de guerra nos numerosos centros. A delegação do DPCCN em Quelimane dispõe de mais dois armazéns naquela cidade. Nessa altura havia também produtos nos outros dois.

No mesmo dia, um navio descarregava também milho para o DPCCN no porto local. O navio trazia sete mil toneladas do cereal que vinha descarregado no Porto de Quelimane desde a segunda-feira, 9 de Outubro. Nesse 14 de Outubro era sábado. A morosidade no des-

carregamento deve-se ao facto de não se utilizar meios próprios para este processo de descarregamento. Muito embora houvesse vagões ali disponíveis e a linha férrea se apresentasse em condições, do navio o milho era descarregado para camiões, alguns dos quais pertencentes a privados. Estavam sendo alugados pelo Departamento de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais.

De Quelimane para os distritos onde se encontram as pessoas a quem se destinam esses produtos, a comida vai aos bocadinhos uma vez os aviões que fazem essas operações transportem, quanto muito, três toneladas de cada vez, ou seja, 60 sacos de 50 quilogramas cada, conforme já tivemos oportunidade de acompanhar nessas operações.

O representante da CARE em Quelimane, Prem Sagar, apontaria que pode-se abastecer por terra seis distritos daquela província, operação no entanto que se realiza sob riscos enormes. O acesso a esses distritos por via terrestre, nomeadamente Mocuba, Namacurra, Nicoadala, Namarrói, Lugela e Ile nem sempre tem sido possível

Ile: Os deslocados continuam a viver em pequenas palhotas, mesmo havendo meios para melhorar as habitações.

não obstante viajar-se sob escolta militar. Em Maio último uma coluna de camiões escoltados que levava produtos para os deslocados de guerra no distrito de Mocuba foi emboscada pelos bandidos, tendo sido queimados sete camiões da marca «Leyland», em estado novo, e todos pertencentes ao Departamento de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais. Quatro dos sete camiões queimados nessa emboscada foram já levados a Que-

limane, esperando-se que ali possam vir a ser reconstruídos.

Embora Prem Sagar tenha apontado que seis distritos da província podem ser abastecidos através da via terrestre, há no entanto a destacar a coragem dos camionistas que ao empreenderem essas marchas deixam para trás tudo o que seja do interesse pessoal, pon-do sob grandes riscos a sua vida para salvar centenas de milhar de pessoas que sucumbem de fome. A atitude dos camionistas não é, pois, menos que um exercício de heroísmo uma vez que ao longo de todas as horas que duram os percursos, se acham sob ameaças de ataques que podem vir a acontecer a qualquer momento. De Quelimane ao Ile, por exemplo, são dois dias.



Dois dos sete camiões queimados pelos bandidos armados em Maio último

permaneceram meses escondendo-se dos bandidos armados.

Julieta Muatoquene, de 20 anos, com dois filhos e mulher de um polígamo não sabe do paradeiro dos pais e de muitos outros familiares, desde que fugiu de Mugalama na sequência do ataque dos bandidos armados a essa localidade.

Uma criança aparentando entre seis e sete anos — Quinhendene Amade — após a mãe ser raptada em Nampula, para onde fugiram quando a região onde viviam foi atacada, ficou sem ninguém. Uma senhora que se encontrava nesse grupo de deslocados veio a tomar conta da criança e trouxe-a para o Ile, onde posteriormente a abandonou. Foi uma outra criança que viria a recolher Quinhendene para a sua família, na qual vivia no momento que visitámos o Ile — meados de Outubro.

Um outro detalhe que se pode traduzir em medo que se implantou entre os deslocados no Ile acha-se nas pequenas palhotas em que aquelas milhares de pessoas continuam a viver. Vivem imbuídos no medo, na insegurança, não julgando necessário melhorar as suas habitações, pois temem que a qualquer altura possam ser atacados, daí que presumam que o esforço que empreenderiam na edificação de uma casa melhorada — com material local naturalmente — tornar-se-ia inválido.

□

Outros quatro distritos da província são abastecíveis através da via marítima, nomeadamente Inhasunge, Chinde, Maganja da Costa e Pebane. Os demais são abastecidos só, e só, mediante a ponte aérea.

AINDA O DRAMA

A parte a fome, a vida de cada um dos deslocados é um autêntico

drama. No Ile, embora se note melhorias no aspecto que os deslocados apresentam actualmente, o sofrimento que entretanto cada um transporta consigo, deixou profundas marcas e qualquer das pessoas que ali se aborde, desata a falar dos seus familiares íntimos que foram assassinados pelos bandidos armados ou que morreram lenta e paulatinamente nos refúgios onde